

Boletim Semanal* – 11/2021 – 19 de março de 2021

FEIJÃO

**Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

A fase do plantio da segunda safra do feijão da seca está praticamente no final. Até esta terceira semana de março, cerca de 97% do total da área estimada recebeu sementes. Aproximadamente 86% estão em condições boas, 13% em condições medianas e 1% em condições ruins.

Preços Recebidos pelos Agricultores no Estado do Paraná

Conforme dados do Deral/Seab, o preço médio recebido na segunda semana de março pelos produtores paranaenses foi de R\$ 281,35 saca/60kg para o feijão classe cores e R\$ 296,31/sc de 60 kg para o classe preto, redução de 2,2% em relação à semana anterior para o feijão classe cores, e valores nos mesmos patamares nestas duas semanas para o preto.

Mercado nacional

De acordo com a última análise feita pela Conab: “as perspectivas não são boas devido à dificuldade de repasse para o setor varejista. Muitos agentes de mercado acreditam que a demanda continue fraca, com os compradores mantendo o ritmo de

negociações, dando preferência à venda casada, sem correr o risco de ficar com o estoque zerado. O controle da oferta poderá provocar elevações de preços em determinados momentos, mas a produção proveniente da colheita da primeira safra está sendo suficiente para manter o mercado calmo, no entanto, sem provocar excedentes.

Na zona de produção, a demanda também segue fraca e os preços apresentaram uma pequena redução. Com relação ao feijão tipo preto, os preços seguem elevados e, pela primeira vez, a segunda safra no Paraná será maior que a de feijão-comum cores, em termos de área e produção. Este comportamento dos produtores deve-se à menor volatilidade nos preços, e à possibilidade de estocar o produto por mais tempo sem depreciação significativa no valor.

MANDIOCA

**Economista Methodio Groxko*

Aumenta a área colhida de mandioca no Paraná e também a oferta de matéria-prima às indústrias de fécula e de farinha. Também aumentou a produção destes dois produtos.

Esta situação causou, de imediato, um efeito positivo, que foi a redução da

Boletim Semanal* – 11/2021 – 19 de março de 2021

ociosidade nas indústrias, e outro negativo que foi a queda nos preços para o produtor.

Após vários dias de chuvas, o tempo se firmou e os trabalhos de colheita foram intensificados. Como já foi informado anteriormente, na medida em que a colheita avança, os preços continuam em queda, o que está frustrando a maioria dos agentes da comercialização. A expectativa dos empresários era uma melhora na demanda pela fécula já no início de março, porém neste primeiro trimestre o mercado não está reagindo.

Na última semana, os produtores receberam, em média, R\$ 400,00/t de mandioca posta na indústria. Este valor é 19% menor se comparado com o mês de outubro/2020, quando a média registrada foi de R\$ 494,00/t de raiz. A fécula foi comercializada a R\$ 65,00/sc de 25 kg e a farinha por R\$ 92,00/sc de 50 kg. Estes valores também representam queda nos preços de 13% para a fécula e de 11% para a farinha, nestes últimos 5 meses.

MILHO

**Administrador Edmar W. Gervásio*

Nesta semana o plantio da segunda safra de milho 20/21 atingiu 72% da área estimada de 2,4 milhões de hectares.

Neste momento podemos dizer que o plantio está muito próximo da normalidade com atrasos pontuais. Neste ritmo, e se as condições climáticas forem favoráveis, devemos atingir mais de 80% de plantio na próxima semana. A produção esperada para esta safra é de 13,5 milhões de toneladas.

Já em relação à primeira safra foram colhidos mais de 230 mil hectares ou 64% da área prevista, que é de 360 mil hectares. A produção no momento é abaixo do esperado e, ao final da safra, deve ser menor que os números atuais. A produção esperada neste momento é de 3,1 milhões de toneladas.

No cenário mercadológico, o milho apresentou novos preços recordes. O preço recebido pelo produtor pela saca de 60 kg superou a barreira de R\$ 76,00. Atualmente, o preço do milho é 80% maior que no mesmo período do ano passado.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

Avanço da Colheita

Segundo o último relatório de plantio e colheita divulgado pelo Departamento de Economia Rural, até o início desta semana, os produtores paranaenses haviam colhido

Boletim Semanal* – 11/2021 – 19 de março de 2021

aproximadamente 58% da área semeada na safra 2020/21.

Das lavouras a campo, 81% estão em condições consideradas boas, 17% em condições consideradas medianas e o restante, aproximadamente 2%, em condições ruins. Das lavouras a campo, 18% se encontram em frutificação e 82% em fase de maturação.

Apesar do avanço da colheita nas últimas semanas, a área colhida ainda se encontra atrasada em comparação com anos anteriores. No mesmo período do ano passado haviam sido colhidos aproximadamente 75% da área cultivada. Com relação à média colhida nas últimas três safras, o total colhido chegava a 72%.

Exportações

As exportações paranaenses do Complexo Soja (grão, farelo e óleo) totalizaram, nos meses de janeiro e fevereiro de 2021, US\$ 267,61 milhões. No mesmo período de 2020, o valor transacionado foi de US\$ 553,75 milhões, uma redução de 51,7%. O ritmo de escoamento do produto paranaense foi fortemente impactado pelo atraso na colheita.

Com o avanço dos trabalhos no decorrer de março, a tendência é de um

aumento significativo na quantidade embarcada nos próximos meses.

TRIGO

**Eng. Agrônomo Carlos Hugo Godinho*

O Governo Federal reajustou em 11% os preços mínimos do trigo para a região Sul do Brasil. O valor para a safra 2021 será de R\$ 48,18 a saca do trigo pão tipo 1.

No entanto, o aumento não deve ter nenhum efeito prático. Primeiramente, porque os preços de mercado vêm se mantendo acima dos preços mínimos desde março de 2018, fazendo com que os produtores não precisem usufruir da política de garantia de preços. Atualmente, há diversas praças que praticam preços 66% acima desta referência, atingindo R\$ 80,00 a saca de trigo.

Caso os preços tivessem uma redução considerável, chegando aos patamares indicados pela Política de Garantia de Preços Mínimos, teríamos outro ponto a considerar: os valores seriam insuficientes para cobrir os custos variáveis, que atingiram R\$ 57,11 a saca, segundo indicador de fevereiro do Deral/Seab.

Boletim Semanal* – 11/2021 – 19 de março de 2021

BATATA

**Eng. Agrônomo Carlos Alberto Salvador*

Os agricultores já plantaram 93% do total de 12,1 mil hectares previstos para a safra. É uma extensão 1% maior que no ciclo 2019/20. A expectativa é que sejam colhidas 352 mil toneladas, o que elevaria em 20% a produção comparativamente ao período anterior. Conforme o levantamento efetuado pelos técnicos do Deral/Seab, as áreas apresentam-se em condições boas (89%) e medianas (11%). A produtividade média esperada para os produtores na safra está estimada em 29.166 kg/ha, ou 583 sacas de 50 kg.

A cotação do preço médio recebido pela saca de 50 kg da cebola na segunda semana de março/2021 foi de R\$ 70,94, aumento de 3% em relação ao valor da semana anterior. Mas os preços deste mês de março são inferiores aos praticados nos quatro meses anteriores.

SUINOCULTURA

**Administrador Edmar W. Gervásio*

O Paraná se consolidou em 2020 como o segundo maior produtor de carne suína do Brasil, com participação de 21% no total. No ano de 2020 foram produzidas 936 mil toneladas de carne suína, um aumento de 11,1% comparativamente a

2019. Santa Catarina, o maior estado produtor, com 29% do total nacional, teve um crescimento de 16,3%, produzindo 1,3 milhão de toneladas de carne.

Já o Brasil produziu 4,5 milhões de toneladas de carne, superando em 8,5% o volume de 2019.

O peso médio por cabeça abatida foi de 90,7 quilos, alta de 2% comparado a 2019. O Paraná foi o Estado que apresentou maior peso de abate entre os 5 principais produtores de carne suína, que detêm 85% de toda a produção nacional. O abate aconteceu com peso médio de 94 quilos, alta de 3% em relação ao ano de 2019.

LEITE

** Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Leite - Aspectos Mundiais do Setor

De acordo com a Carta Leite (Scot Consultoria), segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção mundial de leite cresceu 1,5% em 2020, comparada ao ano anterior, mesmo diante do cenário pandêmico que afetou a produção e consumo de alimentos no mundo todo. O volume produzido foi de 642.4 bilhões de litros.

Boletim Semanal* – 11/2021 – 19 de março de 2021

Demanda Mundial

Com as restrições no funcionamento do comércio, e também de sistemas food service em função da pandemia, as dinâmicas de consumo se alteraram, aumentando conseqüentemente as refeições domésticas, o que levou a um incremento mundial na demanda por lácteos em 2.1% no ano passado.

Neste cenário, vemos novamente a China se destacando como maior importadora de lácteos. No ano de 2020, o país asiático aumentou em 28,7% suas importações, comparando-se ao ano anterior. No citado período (2020), este país comprou 690 mil toneladas de leite em pó.

Fonte: Carta Leite (Scot Consultoria).

MEL

* Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade

Em 2020, a exportação nacional cresceu 50,5% em relação a 2019, alcançando 45.728 toneladas.

Em 2020, o Brasil exportou 45.728 toneladas de mel *in natura*, volume 50,5% maior do que aquele obtido em 2019 (30.384 toneladas). O faturamento em dólares foi de US\$ 98,560 milhões, 44,1% a mais que em igual período de 2019 (US\$ 68,384 milhões). O preço médio nacional

do mel atingiu o valor de US\$ 2.155,36/tonelada (US\$ 2,15/Kg), 4,2% a menos que o valor médio de igual período do ano de 2019 (US\$ 2.250,65/tonelada / US\$ 2,25/Kg).

O estado do Paraná é o terceiro entre os estados que se destacaram em 2020 na exportação de mel *in natura* (receita cambial: US\$ 18,238 milhões, volume: 9.230 toneladas e preço médio: US\$ 1.975,92/toneladas / US\$ 1,981/kg), com crescimento de 16,3% no volume exportado e 9,5% no faturamento.

O principal destino para o mel brasileiro em 2020 (74,6% de todo volume exportado: 45.728 toneladas) foram os Estados Unidos da América (EUA), com volume de 34.128 toneladas, receita cambial de US\$ 71,265 milhões e preço médio de US\$ 2,09/kg. Um crescimento de 41,2% sobre o volume exportado em 2019 (24.176 toneladas) e de 41,2% sobre o faturamento (US\$ 71,265 milhões). O segundo maior destino foi a Alemanha (5.363 toneladas/US\$ 13,222 milhões/US\$ 2,47/kg).

Exportação nacional de mel no 1º bimestre de 2021 teve desempenho superior a 2020

Boletim Semanal* – 11/2021 – 19 de março de 2021

Segundo o Agrostat Brasil, de janeiro a fevereiro de 2021 o Brasil exportou 8.891 toneladas de mel *in natura*, volume 112,4% maior do que aquele obtido em 2020 (4.186 toneladas). O faturamento em dólares foi de US\$ 29,151 milhões, 3,6 vezes maior que aquele obtido em igual período de 2020 (US\$ 8,121 milhões).

O preço médio nacional do mel, em 2021, atingiu o valor de US\$ 3.278,72/tonelada (US\$ 3,28/Kg), 69,1% a mais que o valor médio de igual período do ano de 2020 (US\$ 1.939,93/tonelada / US\$ 1,94/Kg).

Nesse início de ano, o Paraná se destacou na condição de segundo maior exportador de mel *in natura* (receita cambial: US\$ 6,360 milhões, volume: 2.039 toneladas e preço médio: US\$ 3.119,33/tonelada/US\$ 3,12/kg), com crescimento de 35,2% no volume (2020: 1.508 toneladas) exportado e 133,6% no faturamento (2020: US\$ 2,723 milhões).

O Piauí foi o estado que ocupou a primeira colocação (US\$ 9,830 milhões, 2.825 toneladas e US\$ 3,32/kg). Em terceiro lugar postou-se o estado de Santa Catarina (US\$ 4,910 milhões, 1.730 toneladas e US\$ 2,84/kg).

O principal destino para o mel brasileiro, em 2021 continua a ser os Estados Unidos da América (87,0% de todo volume exportado: 7.739 toneladas, receita cambial de US\$ 24,319 milhões e preço médio de US\$ 3,14/kg). Um crescimento de 110,6% sobre o volume exportado em 2020 (3.675 toneladas) e de 244,6% sobre o faturamento (US\$ 7,058 milhões).

Os outros principais países importadores do mel brasileiro, no primeiro bimestre de 2021, foram (volume, faturamento, preço médio): Alemanha (850 toneladas/US\$ 2,646 milhões/US\$ 3,11/kg), Canadá (235 toneladas/US\$ 760.030/US\$ 3,23/kg), Países Baixos (81 toneladas/US\$ 274.103/US\$ 3,40/kg), Reino Unido (77 toneladas/US\$ 256.076/US\$ 3,33/kg) e Panamá (60 toneladas/US\$ 210.388/US\$ 3,50/kg).

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

https://www.instagram.com/deral_pr

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!